



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“NO PRINCÍPIO ERA O VERBO”. A PRODUÇÃO INTELECTUAL RELIGIOSA NA GÊNESE DO PLURALISMO RELIGIOSO BRASILEIRO

Célia da Graça Arribas

Universidade de São Paulo

celiaarribas@usp.br

Até a Proclamação da República, em 1889, o Brasil era um país oficialmente católico, embora convivessem sorrateiramente com as crenças oficiais outras crenças, nativas ou trazidas da África. Conquanto a Constituição outorgada de 1824 previsse uma certa abertura religiosa¹, foi somente com o fim do Regime de Padroado² da igreja católica e com a instauração de um Estado laico – ratificado com a promulgação de uma nova Constituição, em 1891 – que o país passou a ter como condição legal a liberdade de culto. Portanto, já a partir do século XIX, começava a nascer nestas terras a possibilidade explícita da formação de uma heterogeneidade religiosa. Esse movimento de pluralização só viria a se desenvolver e a se diversificar com a introdução, via imigração, de crenças de grupos de imigrantes – japoneses, judeus, sírio-libaneses e outros –, além de diferentes denominações protestantes e da difusão do espiritismo e dos denominados cultos afro-brasileiros. Hoje, após mais de um século dessa história, são muitas os credos e as filosofias religiosas abraçadas pela população brasileira.

Desse modo, o meio religioso em poucas décadas passaria a funcionar de acordo com a lógica de um mercado (desmonopolizado) de bens de salvação no qual as relações e a convivência entre crenças e instituições nunca foram tão amenas quanto faz crer uma apreciação mais ligeira da situação. A idéia de uma existência pacífica entre cultos e credos

¹ No art. 5º da Constituição outorgada de 1824, a liberdade religiosa é concedida embora com prerrogativas: os não católicos (para essa época leia-se: os protestantes históricos, sobretudo luteranos e presbiterianos) não podiam construir templos nem realizar seus cultos em espaço público.

² Desde o período colonial, a Igreja era uma instituição submetida ao Estado. Isso significava, entre outras palavras, que nenhuma ordem do Papa poderia vigorar no Brasil sem antes passar pela aprovação do imperador, ao que se deu o nome de *Regime de Padroado*.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

no mais das vezes acaba por ignorar as lutas e disputas simbólicas e materiais que pautam a dinâmica própria desse mercado. As tensões existentes e os conflitos emergentes nesse meio, contrariando a suposta tolerância, dificilmente são considerados em suas mais diversas faces.

Com a abertura religiosa, as crenças, cultos e instituições religiosas que divergiam do catolicismo foram pouco a pouco se afirmando e demarcando seu espaço em diferentes camadas sociais. Mas a despeito da liberalização oficial, o preconceito real sofrido por essas manifestações religiosas e a concorrência desigual que favorecia por inércia do privilégio a igreja católica eram realidades flagrantes. Perseguição policial e repressão estatal³ de diversas religiões não-católicas caracterizaram o início histórico da constituição de um campo religioso tendencialmente concorrencial.

Sob este contexto, as religiões tiveram de se organizar e se articular em dois níveis de atuação: um teórico e outro institucional, através de um processo de racionalização que parece ter sido sentido como um imperativo, tendo em vista a legitimidade necessária para a consolidação das recém-chegadas religiões. E a fonte principal de energia desse trabalho

³ As perseguições sofridas pelos segmentos religiosos não-católicos e tidos como “mágicos” foram “perseguições estatais” na medida em que o Código Penal brasileiro de 1890, de acordo com os artigos 156, 157 e 158, previa esse tipo de atuação contra a prática da magia, do curandeirismo e do espiritismo. Portanto, os casos julgados, partindo de uma denúncia, passavam ao encargo policial e eram finalizados no tribunal de justiça. A respeito do protestantismo, pouco se fala das perseguições a que este segmento religioso sofreu, justamente por não ser uma religião “mágica” e desta forma não ser alvo das leis do Código Penal. Mas isso não quer dizer que as denominações protestantes não estivessem sob a mira policial. Ainda que a disputa na qual esse segmento religioso teve que se inserir para entrar oficialmente no campo religioso não lhe tenha causado esse tipo de dificuldade judicial, mesmo assim alguns pastores protestantes foram indiciados pelo fato de serem anticlericais. Isso ocorreu porque intelectuais protestantes denunciavam através de seus jornais e revistas as ligações que o Estado brasileiro, oficialmente laico, mantinha com a igreja católica. Na obra de Antônio Gouvêa de Mendonça (2008), *O Celeste Porvir*, todos esses aspectos foram muito bem trabalhados. Com o objetivo de entender a entrada do protestantismo na sociedade brasileira do século XIX e seus confrontos no campo religioso brasileiro, o autor listou três níveis de atuação que tiveram os presbiterianos (denominação que toma como base para seus estudos por ter sido o ramo que mais se expandiu naquele período). Alongando sua tese para o século XX, Mendonça reiterou que as estratégias dos protestantes estiveram divididas nos níveis polêmico, educacional e proselitista. Levando em conta o conteúdo ideológico da mensagem missionária protestante, o autor demonstrou que foi através da publicação de jornais, revistas e livros (nível polêmico) que o embate religioso mais se desenvolveu. A produção intelectual dessa religião deu-se também em duas direções: de um lado, entre os mais diversos ramos do protestantismo, e de outro, entre os protestantes e as demais religiões. São essas produções simbólicas de intelectuais religiosos engajados (presentes em jornais, revistas, catecismos etc.) que dão consistência ao campo religioso brasileiro. Elas definem a dinâmica do campo em questão, conferindo-lhe materialidade, como afirma Bourdieu (1998 e 2001).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de sistematização e de estruturação viria diretamente dos “intelectuais das religiões”⁴ interessados na defesa e na validação de suas crenças e instituições. Foram eles que pensaram e articularam cada religião nas suas mais diversas dimensões de atuação; foi principalmente deles o “trabalho religioso” (Cf. BOURDIEU, 2001, p.27-78; 79-98) que produziu o nosso pluralismo religioso. Mas em oposição ao que uma conclusão precipite pode chegar, esse não foi um trabalho tranquilo de simples ordenação. Muito pelo contrário, já que a defesa de seus credos, ideais e dogmas contou com uma série de conflitos, sobretudo através de um meio que pareceu imprescindível para esse movimento: a *imprensa*. Os confrontos literários foram se adensando e começaram a dar corpo a um campo social no qual mecanismos de argumentação e de validação começaram a ser postos *no e em jogo*⁵.

Desse contexto não foge o caso do espiritismo kardecista⁶, também conhecido no Brasil como kardecismo ou mesa branca, introduzido na década de 1860. Criado na França em 1857 por Allan Kardec (pseudônimo do pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail), o espiritismo conta hoje no país com o maior número de adeptos – aproximadamente dois milhões e meio de pessoas⁷, isso sem contar os chamados

⁴ Os termos “intelectuais” ou “intelectuais da religião” são utilizados aqui com o mesmo significado. Esta categoria refere-se à camada responsável tanto pela sistematização da crença (ditando o que é e o que não é sagrado), quanto pela sua introdução efetiva no campo religioso (através de suas produções simbólicas e tomadas de posição).

⁵ Explicitar e entender o processo racionalizador por que se constituiu tal realidade são os objetivos do meu doutoramento. O que equivale a dizer que almejo, de um lado, desvendar os mecanismos de lutas e de alianças, de embates ideológicos e de tomadas de posição entre os diversos grupos aptos a pleitear sua legitimidade, e, de outro, analisar o processo de formação da heterogeneidade formal do domínio religioso, fenômeno cuja principal característica é o enfrentamento (ideal, mas também material) entre os vários agentes e instituições em litígio. Informado de um ponto de vista teórico e metodológico pelas indicações de Max Weber e de Pierre Bourdieu, e tomando como objeto empírico as religiões mediúnicas (kardecismo e umbanda) em contraposição ao catolicismo, o meu projeto propõe examinar o processo constituinte de um campo religioso, considerando tanto as suas dinâmicas de estruturação interna quanto de causação externa.

⁶ Embora o termo **espiritismo** tenha hoje se transformado em uma espécie de “guarda-chuva” que abriga uma série de denominações, entre elas espiritismo umbandista, por exemplo, ao longo deste trabalho, o termo será sempre utilizado para designar o que se convencionou chamar no Brasil de **espiritismo kardecista**, isto é, a doutrina criada por Allan Kardec.

⁷ De acordo com o censo de 2000. Segundo estimativas da Federação Espírita Brasileira (FEB), haverá no Brasil no ano de 2011 por volta de quatro milhões de espíritas. Informação disponível em: <<http://www.febrnet.org.br/site>>. Acesso em: 20/07/2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“simpatizantes”, que giram em torno de 18 milhões (ou seja, quase 10% da população⁸). Buscando entender a especificidade que o espiritismo pouco a pouco foi tomando no Brasil, para a análise do processo de formação do campo religioso brasileiro de fins do século XIX, esta apresentação toma por objeto empírico o desenvolvimento da produção intelectual religiosa a fim de enxergar como e por quais personagens ele se fez realidade. Pretende-se, assim, analisar as disputas travadas através dos trabalhos de alguns dos *primeiros espíritas brasileiros e seus rivais católicos*, agentes de destaque cujas vozes e penas acabaram por iniciar a construção de um terreno de operações para os confrontos entre distintas empresas de salvação.

O espiritismo no Brasil

A introdução e aceitação crescente da doutrina espírita no Brasil serviram para acentuar um movimento mais amplo de pluralização confessional de que fazem parte outras doutrinas e sistemas religiosos. Foi aqui que o *Livre des Esprits*⁹ publicado em 1857 por Allan Kardec teve um dos muitos destinos de parada, como não podia ser diferente, já que as camadas intelectuais do Brasil e da França mantinham naquela época estreitas relações. Pessoas e idéias francesas se faziam sentir em suas influências nas artes e na política brasileiras. Mas em se tratando de uma doutrina que se definia ao mesmo tempo como religiosa, científica e filosófica (KARDEC, 2001, p.346), a sua absorção e desenvolvimento se deram de diversas formas. Cada agrupamento que abraçou as idéias espíritas buscou enfatizar uma das suas possíveis vertentes, ora pendendo mais ao cientificismo, ora à face religiosa, ora às idéias filosóficas.

Nesse sentido, o encetamento do espiritismo em terras brasileiras na metade do século XIX contou com o importante papel dos imigrantes da colônia francesa do Rio de Janeiro – então capital do Império –, composta por jornalistas, comerciantes e professores. Tendo seus primeiros adeptos originários desse *petit comité*, o espiritismo dava os seus

⁸ MANUEL, Maurício. “O Espiritismo hoje”. *Aventuras na História*, São Paulo, Ed. Abril, abril de 2010: 20-21.

⁹ Tido como um dos cinco “livros da codificação espírita” publicados por Allan Kardec, *Le livre des Esprits* inaugura a nova doutrina, complementada posteriormente pelos: *Le Livre des Mediums* (1861), *L’Evangile selon le Spiritisme* (1864), *Le Ciel et l’Enfer* (1865) e *La Genèse* (1868).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

primeiros passos com a publicação de *Les temps sont arrivés* (1860), livro escrito em francês pelo professor Casimir Lietaud, diretor do Colégio Francês, estabelecimento de ensino dos mais conceituados da Corte. Casimir e outros imigrantes franceses agrupavam-se no *Courrier du Brésil*, cuja redação tinha uma linha claramente anticlerical. Foi nessa roda que a doutrina espírita encontrou grande receptividade. Mas ao contrário do que hoje entendemos por espiritismo, naquele instante ele não surgia como uma nova opção religiosa¹⁰. Estava ali entrelaçado com as modernas tendências políticas e filosóficas, em particular com o socialismo (Cf. AUBRÉE e LAPLANTINE, 1990). A explicação das desigualdades sociais era relacionada às diversas existências da alma, e nesse grupo mesclavam-se às leituras de Kardec as leituras de Saint-Simon, Charles Fourier e Pierre Leroux, os denominados socialistas utópicos. Entretanto, ainda que o grupo tivesse sido composto por pessoas de prestígio econômico, social e cultural, a colônia francesa restringiu suas relações com o espiritismo em algumas reuniões e a poucas publicações, limitando sua circulação e sua receptividade naquele momento. Além disso, era um tanto quanto inusitado para a sociedade da época a discussão sobre socialismo e reencarnação. O socialismo não tinha grande repercussão no debate político-ideológico do Brasil escravocrata do século XIX, mais compromissado com questões institucionais e jurídicas do que com revolução social. E como, nesses precisos termos, ainda não se mostrava como opção religiosa, a igreja católica do Rio de Janeiro não fez grandes oposições ao espiritismo ao longo da década de 1860.

E assim, mesmo não tendo se alastrado pela Corte inteira, a influência social desses franceses facilitou a penetração do espiritismo pelo menos entre a elite. Em conversas, ainda que tímidas, nas ruas ou em pequenas sessões espíritas, a nova doutrina passava a angariar os seus primeiros adeptos. Pessoas de influência social e que por isso não sofriam qualquer tipo de repressão.

¹⁰ Se hoje conhecemos o espiritismo como uma religião entre diversas outras em oferta no mercado religioso brasileiro, é porque, dentre outros motivos, por detrás de todo o processo de introdução e legitimação por que passou no Brasil, um grupo espírita frente aos demais conseguiu vencer a disputa e alcançar o poder simbólico de ditar o que era (ou não) espiritismo. A esse respeito ver Arribas (2010).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Seria, entretanto, em outra província que o espiritismo ganharia maior exposição pública, pelo menos nos seus primeiros passos no Brasil. Oficialmente, a eclosão do espiritismo se deu no ano de 1865 *aqui* em Salvador, cidade onde foi fundado o primeiro grupo espírita, o *Grupo Familiar do Espiritismo*. Luís Olímpio Telles de Menezes, seu fundador e autor de *O espiritismo – introdução ao estudo da doutrina espírita* (1865) – obra que reunia excertos traduzidos do *Livre des Esprits* –, mantinha contatos com Casimir Lietaud no Rio de Janeiro e com vários espíritas da França. A partir de seus esforços, a posição do espiritismo se inverteria por um tempo: o Rio passaria a ser umas das províncias da mais nova corte, a Bahia.

Nascido no seio de uma família católica, Telles de Menezes, muito embora não proviesse da camada socialmente mais privilegiada, no sentido forte do termo, reunia em torno de si um capital social bastante ampliado, uma vez que freqüentava assiduamente as rodas aristocráticas¹¹. Dedicou-se ao magistério e ao jornalismo durante a sua vida e com o respaldo social de homens importantes da economia e da política baianas, começou sua empreitada espírita com grande peso legitimador decorrente dessas relações. Entretanto, foi somente com a tradução de alguns dos trechos do livro de Kardec que Telles abriria ao público o acesso à nova doutrina francesa, indo além dos círculos aristocráticos e intelectuais. Seu trabalho de difusão das idéias espíritas desenvolveu-se através do “meio material que a Providência sabiamente nos oferece para levar, rapidamente, a palavra da verdade à inteligência e ao coração de todos os homens (...): a *Imprensa*”¹².

Em 8 de março 1869, Telles reuniu seus companheiros no *Grêmio de Estudos Espíritos da Bahia* para anunciar a fundação do primeiro jornal espírita brasileiro, *O Echo d’Além-Túmulo – Monitor do Espiritismo no Brasil*. O jornal bimestral circulou não só na Bahia, mas em outras partes do território nacional. Imprimia-o a Tipografia do *Diário da Bahia*.

¹¹ Sobre a vida de Luís Olímpio Telles de Menezes, ver Fernandes (1993) e Wantuil (2002).

¹² *Echo d’Além-Túmulo*, setembro de 1869 (grifos do autor).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A participação de Telles de Menezes nas fileiras socialmente mais privilegiadas possibilitou-lhe o manuseio de alguns dispositivos essenciais para a divulgação e expansão do espiritismo. Além de professor primário, estenógrafo, funcionário da Assembléia Legislativa e Oficial da Biblioteca Pública da Bahia, Telles de Menezes era também jornalista e escrevia em vários periódicos baianos, entre eles, o *Diário da Bahia*, o *Jornal da Bahia* e *A Época Literária*, chegando inclusive a publicar um romance chamado *Os Dois Rivais*. Não é sem explicação o fato de Telles portar consigo os conhecimentos necessários a respeito dos mecanismos de funcionamento da imprensa, capital que lhe possibilitou ao fim e ao cabo não só criar um jornal, como também angariar fundos econômicos e respaldo organizacional.

A fundação de um periódico espírita no Brasil foi visto positivamente desde lá do outro lado do Atlântico. O *Echo d'Além-Túmulo* teve a sua aparição registrada na seção “Bibliographie” da *Revue Spirite*¹³ de outubro de 1869 e, em novembro do mesmo ano, foi feita a seu respeito uma extensa apreciação de quatro páginas, nas quais incluía a citação de longo artigo extraído dele e vertido para o francês. Entretanto – e aqui vale frisar a nossa atenção – a maior resposta ao trabalho de Telles de Menezes não veio de Paris; veio sim de bem mais perto: do *clero baiano*. Uma Pastoral lançada em 16 de junho de 1867 pelo arcebispo da Bahia D. Manuel Joaquim da Silveira foi a réplica mais imediata da igreja frente à dilatação do espiritismo. Com esse ato, por irônico que pareça, coube exatamente à igreja católica o gesto de *entrebair* as portas ao espiritismo para que ele pudesse entrar no campo religioso. Mas como se deu esse processo? Vejamos melhor.

Filosófico, científico e religioso desde o seu começo, o espiritismo ainda não tinha se definido essencialmente como religião no Brasil naquele momento, muito embora contivesse em si a possibilidade de vir a sê-lo, já que uma de suas definições era a religiosa. Mesmo com os trabalhos de Telles, ninguém se dizia espírita como afirmação de uma opção religiosa em detrimento do catolicismo.

¹³ A *Revue Spirite*, fundada em 1858 por Allan Kardec, foi o primeiro e ainda existente periódico espírita. A *Sociedade Anônima do Espiritismo*, da qual fazia parte *l'Union Spirite Française et Francophone* de Paris, que então dirigia a *Revue Spirite*, agradeceu epistolarmente a Telles de Menezes, por seu secretário geral A. Desliens, a remessa do primeiro número d' *O Echo d'Além-Túmulo*.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Reconhecendo a expansão das idéias espíritas em terras brasileiras, a Pastoral dialogava principalmente com a tradução de Kardec feita por Telles nos seguintes termos:

“Nessa capital publicou-se um pequeno livro com o título – **Filosofia Espiritualista – o Espiritismo** – cujas perniciosas doutrinas, contra toda expectativa, têm tomado incremento, pondo-se em prática certas superstições perigosas e reprovadas, que estão no domínio do público; e no interesse da vossa salvação, amados Filhos, Nós julgamos conveniente dirigir-vos contra esta Carta Pastoral, para prevenir-vos contra os principais erros que contém esse pequeno livro, e contra as superstições, que segundo as doutrinas nele contidas se estão praticando, como se Nos tem informado, e do que já não é possível duvidar” (MACHADO, 1983, p.84).

Assim, para impedir a disseminação das idéias de Kardec, nada melhor do que expor contrariamente a elas os dogmas da igreja, linguagem específica de um diálogo religioso. Mas esse confronto não quer dizer que os espíritas por algum instante tivessem negando a sua religião católica e contra ela investindo pesados esforços, pelo menos por enquanto. Os primeiros trabalhos em nome do espiritismo definiam-no como apenas uma correção necessária, ou melhor, uma *atualização* aos tempos modernos dos dogmas católicos, e não propriamente como uma nova religião. Aliás, Telles de Menezes reivindicava até com certa insistência a sua condição de católico “de nascimento e de crença”, e ainda voltou a insistir ao afirmar que “o Espiritismo e o Catolicismo são a mesma Igreja de NOSSO SENHOR JESUS CRISTO: somente estão mudados os tempos e as palavras: o Espiritismo é o tradutor fiel, pelos enviados de Deus, das doutrinas do Evangelho” (MACHADO, 1983, p.89).

Segundo Telles de Menezes, a igreja não estava conseguindo acompanhar as mudanças trazidas pelos novos tempos, perdendo assim o seu papel de “autoridade máxima da palavra de Deus”. Daí a sua tão necessária reformulação, compatível com o novo momento histórico, vinda através das modificações propostas pelo espiritismo. Mas isso não mudaria a sua base fundamental, que continuaria sendo os livros bíblicos, principalmente o Novo Testamento, só que agora recuperado e adaptado às novas interpretações, e sob uma nova linguagem. Vigorava a sua vontade de fazer do espiritismo

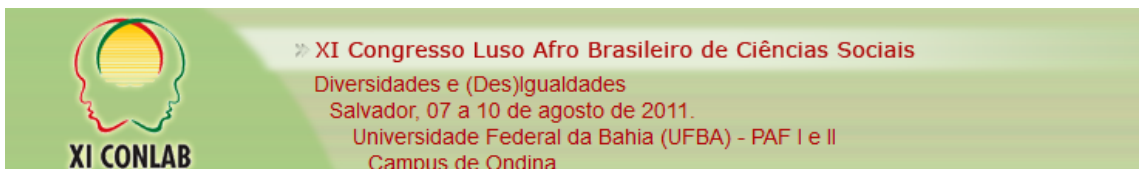


» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

um meio revelador de novas versões dos ensinamentos cristãos, uma espécie de renovação ou de reforma; ou em outros termos, uma modernização do catolicismo, já que o espiritismo aparecia como uma nova teoria social, mais moderna, capaz de explicar de forma inédita muitas das injunções sociais. Telles de Menezes apostava realmente na crença da reencarnação, já que

(...) esse modo de encarar a vida resulta a diminuição da importância das coisas deste mundo, e leva o homem a moderar seus desejos e a contentar-se com a sua posição, sem invejar a dos outros; atenua a impressão moral dos revezes e descontentamentos, que experimenta, haurindo daí calma e resignação assaz úteis tanto à saúde do corpo, como à inquietação da alma e à paz do espírito (...). Deus é justo, e não deixou coisa alguma ao acaso, nem à fatalidade. Tudo quanto acontece no mundo, ainda que possamos dar a razão de muitas coisas, nem por isso devemos deixar de atribuir à justiça divina: – e não será esta a idéia de muito mais moral, muito mais consoladora e muito mais verdadeira? (FERNANDES, 1993, p. 85).

Assim, certas prerrogativas espíritas convinham a Telles de Menezes à medida que lhe proporcionavam respostas imediatas aos problemas morais, o que não as impedia, por outro lado, de desempenharem também funções sociais de justificação para além daquelas referentes às angústias e/ou aflições da vida. Telles formulava dessa maneira artifícios para que o homem se contentasse, ou até mesmo se resignasse, com a sua posição social. Paradigmático é o seu próprio caso, pois por mais estudioso e bem relacionado que ele tenha sido, Telles de Menezes se situava em um espaço social que não era nem aristocrata, nem social e economicamente desprivilegiado. Em outras palavras, muito embora participasse do círculo de grandes homens baianos, Telles de Menezes ainda assim não provinha desse meio social, e o espiritismo o auxiliava a se conformar ou pelo menos a não questionar a sua posição. Ele parece negar a possibilidade de existir uma sociedade do acaso e do absurdo. O que tentava fazer no seu discurso espírita era, portanto, uma espécie



de reorganização, ou melhor, uma tradução da realidade social à luz do espiritismo, realidade esta que naquele momento vivia um processo intenso de transfiguração¹⁴.

É interessante salientar aqui que o espiritismo até então existente no Brasil era o espiritismo de Telles de Menezes, isto é, era uma seleção – na verdade a *sua* seleção – de trechos espíritas que levava o nome de espiritismo. Telles de Menezes, dessa forma, imprimiu neste espiritismo suas recusas e suas aceitações, adaptando-o também às novas teorias científicas e repudiando práticas similares exercidas por adeptos das crenças afro-brasileiras. O projeto espírita de Telles traduzia, portanto, a sua vontade de ajustamento ao novo estilo de vida que então começava a aflorar, ante tantas contradições sociais de um contexto histórico específico e em transformação.

Dessa forma, o espiritismo, ainda que nesse momento visto apenas como uma reforma necessária ao catolicismo – ou seja, ainda não era uma religião propriamente dita – já começava a desempenhar, conforme a igreja católica e as demais religiões, o papel de legitimar o arbitrário e absolutizar o relativo, como diria Bourdieu (2001), de maneira a justificar as situações socialmente determinadas. É como se ocorresse uma alquimia ideológica, porque ao revestir o que é produto humano (portanto uma criação que é arbitrária e relativa a seu tempo) com o caráter sagrado (inquestionável e perene), a religião é capaz de desempenhar a função simbólica de conferir à ordem social um caráter transcendente e inquestionável. É aí que reside sua eficácia simbólica e, ao mesmo tempo, sua função acima de tudo política.

Mas certamente houve disputas de ordem dogmática entre católicos e simpatizantes do espiritismo, e foram dois os pontos mais explosivos, porque pretendiam inovar as próprias crenças católicas: o primeiro era sem dúvida a pluralidade das

¹⁴ Não só a cidade de Salvador, mas o Brasil enfrentava grandes mudanças: o movimento abolicionista, que culminou com o fim da escravidão em 1888, ocasionando uma crise na mão-de-obra da lavoura; a Guerra do Paraguai (1870), que resultou na politização do exército e no fortalecimento das idéias republicanas; os conflitos entre a Igreja e o Império Brasileiro; as reivindicações cada vez maiores de uma camada social média (da qual pertenciam funcionários públicos, profissionais liberais, estudantes, artistas, comerciantes) que estava crescendo nos grandes centros urbanos e desejava mais liberdade e maior participação nos assuntos políticos do país, identificando-se, assim, com os ideais republicanos. Além de tudo isso, a Bahia, em particular, passava por uma crise econômica devido à forte concorrência no mercado internacional de açúcar, sua principal fonte de riqueza.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

existências (as reencarnações), que na doutrina de Allan Kardec está entrelaçada à idéia de justiça divina; o segundo inquietava ainda mais a igreja católica, ou pelo menos o arcebispo D. Manuel: a manifestação dos espíritos. A invocação dos mortos, que já era praticada pelos negros, entendida como pura superstição e tolerada pela igreja – que a via como válvula de escape para aliviar a tensão da vida no cativeiro – ameaçava invadir a casa grande¹⁵.

Com as traduções de Telles de Menezes, a dimensão social que o espiritismo tomava por ter atingido setores para além das camadas mais privilegiadas da sociedade baiana também causava preocupações reconhecidas na Pastoral:

Os efeitos mais claros do Espiritismo são, na ordem religiosa, a negação cada vez mais geral do Cristianismo como obra divina, e como religião positiva: o enfraquecimento do temor dos juízos de Deus; a confiança na metempsicose, que transportando ao décimo-nono século os erros do gnosticismo teórico, conduz ao gnosticismo prático, isto é, à emancipação de todas as inclinações corrompidas (FERNANDES, 1993, p. 85).

Foi por isso que o folheto *O Espiritismo. Carta ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo da Bahia, D. Manuel Joaquim da Silveira* não tardou a ser produzido por Telles de Menezes. Escrito no mesmo ano da Pastoral, foi a *primeira formulação brasileira sobre as teorias espíritas*, contando 82 páginas¹⁶. Juntamente com

¹⁵ Curioso é notar que um traço pertencente à religiosidade brasileira, ou melhor, ao jeito de ser espírita e/ou católico no Brasil deve um pouco a esse processo. Porque embora Telles de Menezes não tenha logrado êxito na reforma da igreja, como pretendia, conseguiu pelo menos ser um dos responsáveis pela inculcação do dogma da reencarnação em parte dos católicos. Aqui neste lado do mundo, enquanto se tem quase a metade de católicos que acredita na reencarnação (segundo uma enquete realizada no final de 2001 pelo instituto *Vox Populi* a pedido da revista *Veja*, que constatou que 59% da população brasileira acredita que já teve outras vidas, apesar de somente 3% se declarar espírita), há nada menos que três quartos de espíritas que crêem que Jesus nasceu de Maria Virgem e que ressuscitou dos mortos, crenças fundamentalmente católicas (BEGUOCI, 2007).

¹⁶ A produção de instrumentos tais como jornais, revistas, diários, boletins, informativos, congressos, livros, dogmas, agremiações, sociedades etc., foi tanto maior nas situações iniciais de introdução por que passou o espiritismo quanto mais necessário se fez enfrentar as vertentes concorrentes. Entre os meses de janeiro e março de 1904, foram publicadas na *Gazeta de Notícias* as reportagens do jovem jornalista Paulo Barreto sob o pseudônimo de João do Rio. Elas receberam o nome de “As religiões no Rio” e saíram, mais tarde, em formato de livro com título homônimo pela livraria Garnier. Encontram-se nesse livro dados sobre as religiões na então capital brasileira. Sobre o espiritismo tem-se à página 270 da edição de 2006 da editora José Olympio: “A Federação [Espírita Brasileira] publicou uma estatística de jornais espíritas do mundo inteiro.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

esse folheto, Telles de Menezes também investiu esforços ao escrever o prefácio de 25 páginas da 2ª edição de seu livro. Ambas as produções tiveram estratégias diferenciadas da primeira edição, composta apenas por trechos traduzidos de *Le Livre des Esprits*. Agora o que já se vê são escritos com tons mais discursivos, muito parecidos com os usados na Pastoral, a começar com um texto repleto de citações e notas. Eram, pois, obras mais densas e menos emocionais. Seguindo a mesma técnica de convencimento da Pastoral, Telles de Menezes começava a ter agora adversário definido e regras a seguir. Respondeu item por item enunciados pelo Arcebispo como “práticas perniciosas”. Foram ao todo mais de 120 páginas para provar que o espiritismo não tinha nada a ver com o que dissera o Arcebispo da Bahia, isto é, com magia, práticas supersticiosas, fábulas ou contos maravilhosos.

Mas enganar-se-á aquele que pensar que as disputas pararam por aí. Muito pelo contrário, já que o diálogo entre católicos e defensores do espiritismo apenas começava. A tréplica não tardou a chegar. Só que não veio das penas do arcebispo que, atendendo ao pedido de seus fiéis e auxiliares, preferiu deixar a peleja a cargo do Padre Juliano José de Miranda. Responder o próprio arcebispo à carta de Telles de Menezes seria como rebaixar-se na dignidade arquiépiscopal.

Como já foi dito, Telles de Menezes não pretendia acabar com a instituição católica. O apego e o respeito dos primeiros espíritas ao catolicismo aparecem claramente em seus escritos, mostrando que ainda o espiritismo nem pretendia ser uma religião, nem se posicionava no campo religioso enquanto tal, e muito menos estava preocupado em tomar o lugar da igreja. A força do catolicismo vigorava com espantosa naturalidade entre os primeiros adeptos das idéias espíritas, explicitada nessas palavras de Telles de Menezes: “a

Pois bem: existem no mundo 96 jornais e revistas, sendo que 56 em toda a Europa e 19 só no Brasil. (...). E quais são essas revistas e jornais? ‘Mensageiro’, em Manaus, Amazonas. ‘Luz e Fé’ e ‘Sofia’, em Belém, Pará. ‘A Cruz’, em Amarante, Ceará. ‘A Semana (ciências e letras)’, no Recife, Pernambuco. ‘A Verdade’, em Palmares, Pernambuco. ‘O Espírita Alagoano’, ‘A Ciência’, em Maceió, Alagoas. ‘Revista Espírita’ em São Salvador, Bahia. ‘Reformador’, no Rio de Janeiro. ‘Fraternização, Verdade e Luz’, ‘A Nova Revelação’, ‘O Alvião’ e a ‘Doutrina’, em Curitiba, Paraná. ‘Revista Espírita’, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. ‘A Reencarnação’, no Rio Grande. ‘O Allan Kardec’, em Cataguases, Minas Gerais. (...) Ainda em 1900, no seu relatório ao Congresso Espírita e Espiritualista de Paris, a Federação acusava adesões de 79 associações e o aparecimento de 32 jornais e revistas de propaganda (...).”



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

dignidade do homem, a fé católica e a obediência, que prestamos a V. Exa., como humilde ovelha de seu rebanho, impõe-nos o sagrado dever de patentear a *razão*, que nos levaram (sic) a esposar a salutar e evangélica doutrina do espiritismo” (MACHADO, 1983, p 100, grifos nossos). Aliás, o apelo à razão como forma de ajustar aos novos tempos os velhos dogmas católicos expressava o ideal iluminista¹⁷ do pensamento de Telles de Menezes e dos primeiros espíritas, ideal retraduzido agora em palavras obsequiosas segundo as etiquetas demandadas no campo religioso com dominância católica.

A Breve Apreciação da Carta do Sr. Luís Olimpio Telles de Menezes Sobre o Espiritismo ao Exmo. e Rev. Sr. Arcebispo saiu no segundo semestre de 1867 e foi escrita pelo jovem Padre Juliano José de Miranda de apenas 25 anos. Nela Pe. Juliano buscava defender a fé católica e combater o espiritismo com toda a garra de um iniciante quando vê uma chance se abrir. Mais uma vez a preocupação girava em torno das concepções da reencarnação e da preexistência da alma, além do fato mais repudiado por D. Manuel: a comunicação com os mortos. Mas sem o saber, tanto D. Manuel quanto o Pe. Juliano, além de toda a ala católica contrária às concepções espíritas acabaram concedendo ao espiritismo um *espaço no campo religioso* ao colocar *no e em* jogo seus conceitos e noções. Assim, sem ter consciência do fato, ambos os lados e parcela da sociedade baiana assistiam ao *primeiro ato* da polêmica entre católicos e os defensores do espiritismo. O duelo tornava-se cada vez mais empolgante com a exposição das diversas verdades. Nessa toada, quem ia se realçando mais e mais era a doutrina espírita. Pois a luta pela manutenção do monopólio religioso por parte da igreja católica – luta que habita o campo de produção dos bens de salvação – contribuía para o próprio fortalecimento da legitimidade em nome da qual ela era conduzida. A igreja enquanto ortodoxia do campo necessitava da heresia, porque a

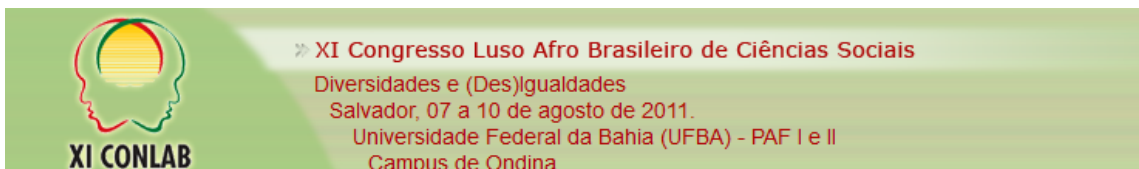
¹⁷ Reconhecer a herança intelectual do Iluminismo presente nas obras de Allan Kardec e, por conseqüência, de alguns seguidores seus, é situá-la no bojo do processo de “desencantamento do mundo” (Cf. PIERUCCI, 2003). Observando o aspecto metodológico de Kardec, é possível afirmar a significativa influência das principais vertentes do pensamento iluminista – racionalismo, experimentalismo, evolucionismo – sobre o espiritismo. Não apenas no método de elaboração o espiritismo é herdeiro do pensamento iluminista: é-o também em toda a sua teorização. Allan Kardec, respirando o clima cultural da França do Século das Luzes, não poderia trabalhar de outra forma a não ser postulando que: “fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da Humanidade”. Essa é nada menos que a epígrafe escolhida a dedo por Kardec para abrir seu Evangelho, *O Evangelho segundo o espiritismo*.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

oposição entre uma e outra implica sempre o reconhecimento dos interesses que estão em jogo. Ao negar uma oposição – no caso, o espiritismo – a igreja ao mesmo tempo em que se reafirmava no campo onde começava a perder espaço, acabou por conferir voz ao espiritismo, isto é, um espaço lúdico na disputa. As bases da contenda sintomaticamente estavam nos trechos bíblicos, o que acabava conduzindo a certos impasses. As diferentes interpretações criaram barreiras intransponíveis referentes aos postulados de cada jogador, que amoldava os fatos à sua exegese. Mas tudo isso teve um resultado bastante específico. A leitura herética e a ortodoxa da Bíblia, sobretudo dos Evangelhos, reforçava justamente um ponto extremamente importante para a própria manutenção do campo religioso: a disputa garantia a *fé* – confiança absoluta e inabalável em determinadas crenças produzidas e reproduzidas pelos seus porta-vozes. Nesse sentido, D. Manuel Joaquim da Silveira, Padre Juliano José de Miranda, Luís Olímpio Telles de Menezes e tantos outros envolvidos na questão apareciam, portanto, como “*adversários cúmplices*”.

Partindo desses termos, em princípio contraditórios, pode-se dizer que o tão almejado êxito dos envolvidos na disputa, e conseqüentemente o êxito das empresas de salvação às quais pertenciam – conquanto o espiritismo não se apresentasse ainda enquanto uma religião, embora contivesse em si a possibilidade de vir a sê-lo –, consistia exatamente em adquirir para seu trabalho e para si a força da crença, ou seja, a *fé*: um reconhecimento absoluto e não questionável. Para que isso aconteça, é necessária a existência de uma espécie de poder “mágico” na relação entre (1) os interesses dos participantes, (2) o poder simbólico que manipulavam e (3) a crença dos demais nesse poder. Porque para que esse poder se perpetuasse, isto é, para que a *fé* existisse, os agentes especializados nesse trabalho tinham que conseguir mantê-la desconhecida, ou seja, evidente. Mas desse modo eles não garantiam somente a *fé*; garantiam também a sua própria existência e validavam o seu próprio trabalho religioso. Os investimentos no jogo, isto é, as lutas que travaram e que tinham por finalidade obter o monopólio da definição do modo legítimo de produção dos bens de salvação, contribuíam para reproduzir continuamente a crença no jogo, o interesse pelo jogo e pelas apostas; lutas estas que são, pelo menos parcialmente, o produto do



próprio jogo – jogo entendido aqui como sendo o processo de pluralização confessional pelo qual o Brasil vinha (e ainda vem) passando.

Embora as contendas com a igreja católica fossem uma realidade, o espiritismo naquele momento não se posicionava de *jure et facto* como religião; tampouco estava no campo político ou no filosófico, como interpretaram os imigrantes franceses; e no campo científico também não conseguia lugar, recebendo diversos ataques discriminatórios. Mas o interessante é notar que foi a partir dessas mesmas contendas com a igreja que o espiritismo *começaria* a tomar uma feição religiosa. É claro que houve outros fatores, senão mais fortes, pelo menos igualmente importantes para que o espiritismo se tornasse religião¹⁸. Mas o que se buscou levantar aqui, ainda que rapidamente, foram os primeiríssimos passos do espiritismo no Brasil e o papel que a própria igreja acabou desempenhando no sentido de abrir as portas – ainda que a contragosto e a contrapelo – para o espiritismo ter um espaço, e um espaço legítimo de atuação.

O movimento espírita baiano não pôde institucionalizar o espiritismo. Não obstante, com Telles de Menezes à frente, chamou a atenção do restante do Brasil e concorreu para re-programar e re-propagar as idéias espíritas, especialmente na Corte. O espiritismo volta então a irromper no Rio de Janeiro graças às investidas de seus mais novos adeptos. E será em terras cariocas que ele terá uma grande impulsão. São de Telles as seguintes palavras:

Os preconceitos, infelizmente arraigados no ânimo do maior número, têm sido um dos grandes obstáculos à propagação das salutaras e regeneradoras doutrinas da filosofia espírita. A fiel exposição dessas doutrinas não está ao alcance das multidões, porque as obras fundamentais não se acham traduzidas na língua vernácula; entretanto, preciso é aqui notar o valioso serviço que prestou *O Echo d'Além-Túmulo* – cuja publicação foi interrompida –, levando a idéia espírita a todos os pontos do Brasil, de modo que hoje já se agita ela em todas as províncias, e já nalgumas se têm formado grupos e sociedades, como no Pará, Maranhão, Pernambuco e no **Rio de Janeiro**, onde as idéias espíriticas mais extensamente têm progredido (WANTUIL, 2002, p.585, grifos nossos).

¹⁸ Sobre esse tema, ver Arribas (2010).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Referência bibliográfica

- ARRIBAS, Célia. *Afinal, Espiritismo é religião*. São Paulo: Alameda/FAPESP, 2010.
- AUBRÉE, Marion ; LAPLANTINE, François. *La Table, le livre et les esprits*. Paris: S.l. Jean Claude Lattes, 1990.
- BEGUOCI, Leandro. Caderno especial 'Religião'. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 06 maio 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- FERNANDES, Magali, Oliveira. *Luiz Olympio Telles de Menezes: Os primeiros momentos da edição kardecista no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Ciências e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. Max Weber (1864-1920). “Gênese religieuse de la modernité occidentale, rationalisation et charisme”. In : _____. *Sociologies et religion. Approches classiques*. Paris : Presses Universitaires de France, 2001.
- KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. São Paulo: LAKE, 2001.
- KLOPPENBURG, Boaventura. *Ação pastoral frente ao espiritismo: Orientação para os católicos*. Petrópolis: Vozes, 1961.
- LÖWY, Michael ; DIANTEILL, Erwan (orgs.). “Pierre Bourdieu (1930-2002), explorateur du champ religieux”. In : _____. *Sociologies et religion. Approches dissidents*. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.
- MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o espiritismo*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1983.
- MANUEL, Maurício. “O Espiritismo hoje”. *Aventuras na História*, São Paulo, Ed. Abril, abril de 2010: 20-21.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa de. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- PIERUCCI, Antonio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos de um conceito*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- WANTUIL, Zeus. *Grandes espíritas do Brasil*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.
- WEBER, Max. “Sociologia da Religião”. In : _____. *Economia e sociedade*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2000, vol. I.